

Xenofobia no Chile

Os efeitos da iminente chegada de Donald Trump à Casa Branca não se limitarão a uma eventual contração na circulação de mercadorias e investimentos no cenário global. Assim como as relações geopolíticas, mesmo num limbo misterioso e muito perturbador. Eles se expandem, como alguns já haviam advertido, como uma reviravolta em todos os andaimes políticos planetários. O efeito Trump muito provavelmente termina e coloca na agenda pública uma ideologia ultraconservadora em que o extremo classismo, ligeiramente contido no machismo e no racismo sem nuances, surge como propostas de realidade política.

Não importaria muito se Trump elevasse e devolvesse ao centro da moda a pior estética do Texas, Miami ou Las Vegas, com loiras de platina e implantes atraentes, colares dourados em torsos bronzeados e musculosos, pulseiras com pedras ou convertíveis junto às estrelas repetidas em riscas vermelhas e azuis. Uma arte decorativa de uma slot machine que levaria à realização e difusão do slogan da campanha Make America Great Again como uma caricatura de tinsel. Tudo isso é uma anedota, ainda que não inócua, muito mais inofensiva que a legitimação da discriminação racial como política para o século XXI.

Os efeitos mais graves já se fazem sentir. Eles reforçam e certificam discursos nacionalistas, identitários e autoritários em muitas latitudes, incluindo estas. À idéia do pré-candidato presidencial Manuel José Ossandón, compartilhada por não poucos, de expulsar ipso facto os estrangeiros que cometem crimes, se soma a proposta dos parlamentares da UDI, mais elaborada, de uma reforma à lei de imigração na qual se exige um “patrimônio” daqueles que desejam entrar no Chile. Um projeto, escusado será dizer, concebido para filtrar trabalhadores sem capital. Um padrão não declarado, mas sem dúvida articulado para impedir a entrada de haitianos, peruanos, colombianos e outros latino-americanos sem recursos.

A UDI não desliza nem costura sem linha. O imaginário social e cultural chileno em termos de identidade é uma mistura densa de paradoxos absurdos cultivados há mais de um século pelas oligarquias. Um bom lugar para instalar “Occidente” não só no bairro de El Golf ou La Dehesa mas também entre os bairros de pobreza tecnificada. Um discurso que cega e escurece, que separa e discrimina artificialmente. Isso reforça a nossa rígida sociedade de classes. Mais uma vez esses mitos urbanos são resgatados, como o Chile, uma reserva ocidental no Terceiro Mundo, o Chile, uma boa casa em um bairro ruim, ou, mais vergonhosamente ainda, o Chile, o inglês ou o suíço da América Latina.

A sombra de Trump revive essa mitologia nefasta, que ganha seguidores dia após dia. Mas, como nos Estados Unidos, esse conservadorismo autoritário surge do fracasso da falsa globalização e integração lançadas pelas social-democracias. O projeto globalizador de inclusão revelou-se uma retórica orientada para a circulação de bens e capitais, cujo efeito tem sido a regressão na distribuição da riqueza em graus típicos do século XIX. Um feudalismo tecnológico com acesso ao consumo de massa, mas com modos de exploração não muito distantes da escravidão.

Depois desta perda de direitos, sonhos e certezas, medo. E do medo, de qualquer coisa. Da falsa identidade à discriminação, e daí ao desprezo e ao ódio. Neste cenário, a UDI, não apenas usando uma estratégia eleitoral bem sucedida nos EUA, mas por causa de suas profundas convicções, levanta entusiasticamente discursos que não são diretamente racistas, mas abertamente xenófobos. Um discurso que costumava ser privado, um pouco obscuro, mas hoje em plena expansão e difusão pública, já apoiado pelo pré-candidato Piñera, que pode transformar a exclusão e o ódio em uma proposta política. Uma aposta tão arriscada como uma faísca num prado seco.

Original: [Punto Final](#)